

**Músicos em atividade na cidade do
Rio de Janeiro entre 1891 e 1894**

A lista que se segue tem a intenção de complementar as informações sobre locais de prática musical e gêneros musicais em voga na cidade do Rio de Janeiro no período aqui estudado, através de pequenos perfis dos músicos em atividade.

ALBUQUERQUE, Chico ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?]) – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Compositor, cantor, violonista e letrista.

É Cernicchiaro quem traça o perfil de Francisco Albuquerque:

Chico Albuquerque, um dileitante violonista inseparável companheiro e amigo do notável flautista Calado, dedicou-se exclusivamente às “modinhas”, das quais foi cultuador fecundo. Ele cantava se acompanhando ao violão, alcançando uma graça e uma expressão toda própria (Cernicchiaro, 1926, p. 58 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 341, tradução nossa).¹²²

ALCÂNTARA, Pedro de (Rio de Janeiro/RJ, 21/8/1866 – Sete Lagoas/MG, 29/8/1929). Compositor e flautista.

Segundo o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA), os cinemas Odeon, Americano e Atlântico serviram de palco para o início da atividade artística de Pedro de Alcântara (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹²³ O DCA registra ainda que ele “promovia encontros em sua casa onde recebia companheiros de choro como Quincas Laranjeiras, Ernesto Nazareth, Villa-Lobos, Catulo da Paixão Cearense, entre outros” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). A polca “Choro e poesia” (1907), inicialmente intitulada “Dores do coração”, foi gravada em disco da Casa Edison, em 1911. A música, mais

122 Ver p. 136.

123 As citações relacionadas a Pedro de Alcântara e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Pedro de Alcântara. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/pedro-de-alcantara>. Acesso em: 9 ago. 2020.

tarde, recebeu letra de Catulo da Paixão Cearense, ganhando o novo título de “Ontem ao luar”. O DCA aponta também que:

Em 1912 [Pedro Alcântara] realizou uma série de quatro gravações com o pianista Ernesto Nazareth interpretando as polcas “Choro e poesia”, de sua autoria e “Linguagem do coração”, de Joaquim Calado e os tangos “Favorito” e “Odeon”, de Ernesto Nazaré (ICCA, [s. d.], [n. p.]).

ALVES, Eustáquio (Rio de Janeiro/RJ, [18--?] – Rio de Janeiro/RJ, [19--]). Violonista, cantor e jornalista.

O DCA aponta que Eustáquio Alves nasceu e morreu na cidade do Rio de Janeiro e não há precisão quanto às datas, mas se sabe que “viveu durante a 1ª metade do século XX” e que ele fora “Estudioso do violão clássico e cantor de modinhas na mocidade” (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹²⁴ Luís Edmundo informa que Eustáquio Alves foi “um dos fundadores da *A Noite*, senhor de notável execução, quiçá um pouco envergonhado da sua virtuosidade, com a mania de tocar clássicos, de tal sorte tentando internacionalizar o instrumento patricio” (Edmundo, 2003, p. 166-167).

ARAÚJO, João Gomes de (Pindamonhangaba/SP, 5/8/1846 – São Paulo/SP, 8/9/1943). Compositor, professor e regente.

De acordo com a *Enciclopédia da música brasileira* (EMB), João Gomes de Araújo iniciou seus estudos musicais na sua cidade natal e mudou-se aos 15 anos para o Rio de Janeiro, onde estudou teoria com Francisco Manuel da Silva e violino com Demétrio Rivera no Conservatório de Música (Marcondes, 1977). Em 1884, estudou composição com Cesare

124 As citações relacionadas a Eustáquio Alves e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Eustáquio Alves. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/eustaquio-alves>. Acesso em: 9 ago. 2020.

Dominiceti (1821-1888) em Milão, Itália. Fundou um conservatório de música em Pindamonhangaba (SP), em 1863. Como compositor dedicou-se principalmente à música sacra. Ainda segundo a EMB, Araújo compôs 13 missas, 7 sinfonias e 4 óperas, além de hinos e de peças para canto e piano (Marcondes, 1977). Sua ópera *Carmosina* (1888) foi encenada no Rio de Janeiro em 1891 (período em que vivia em São Paulo).

**BAHIA, Xisto de Paula (Salvador/BA, 6/8/1841 – Caxambu/MG, 30/10/1894).
Ator, teatrólogo, compositor, cantor e violonista.**

O DCA registra que a primeira música gravada no Brasil foi “Isto é bom” (cantada por Baiano, em disco da Odeon de Fred Figner), um lundu de autoria de Xisto (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹²⁵ O cantor, que possuía voz de barítono, nunca estudou música formalmente. Entre as informações do DCA, consta que, após realizar diversas turnês pelo norte do país, apresentou-se na cidade do Rio de Janeiro, em 1875, onde alcançaria sucesso participando de várias comédias. Em 1878, Xisto retornaria ao Rio de Janeiro e ingressaria no grupo de Furtado Coelho. Apesar de ter atuado com sucesso em teatros do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, Xisto continuou pobre, tendo se desiludido com a vida artística. Assim, em 1891, tornou-se amanuense na Penitenciária de Niterói, através de uma indicação do presidente do estado do Rio de Janeiro, Francisco Portela. No entanto, perdeu o emprego no ano seguinte, após a demissão de Portela. Dessa forma, Xisto voltou aos palcos. O DCA aponta que “sua última apresentação foi a mágica ‘O filho do averno’, com a Companhia Garrido, no Teatro Apolo” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). O DCA também informa que:

Em 1893, já doente, abandonou definitivamente o teatro e partiu para Caxambu, onde viveu seus últimos dias. Legou à música popular brasileira verdadeiros clássicos. Sua produção, embora

125 As citações relacionadas a Xisto de Paula Bahia e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira: Xisto Bahia.** [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/xisto-bahia>. Acesso em: 9 ago. 2020.

pequena (muitas devem ter sido perdidas), é de excelente qualidade. [...] A modinha “Quis de balde varrer-te da memória”, que interpretava magistralmente segundo seus contemporâneos, é citada por todos os estudiosos de nossa música popular, como um dos maiores sucessos da época da implantação e consolidação da MPB nas décadas finais do século XIX (ICCA, [s. d.], [n. p.]).

Sobre a qualidade musical de Xisto Bahia, Alexandre Gonçalves Pinto (2014, p. 174) atestaria que “[Xisto Bahia] tocava bem violão, especialista noslundus e modinhas baianas. [...] Muito querido das plateias do Rio e de Niterói, enfim, de Norte ao Sul do Brasil. Foi um grande chorão, senhor do braço do violão”.

BAIANO (Santo Amarado da Purificação/BA, 5/12/1870 – Rio de Janeiro/RJ, 15/7/1944). Cantor.

Segundo o DCA, Manuel Pedro dos Santos, o Baiano, foi o cantor da primeira gravação da Casa Edison, pioneira na gravação de discos no Brasil, em 1902 (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹²⁶ A canção escolhida foi o lundu “Isto é bom”, de Xisto Bahia. Cadete, Mário Pinheiro e Eduardo das Neves também estavam entre os cantores precursores da gravação de discos no país. A música “Namorados da lua”, de Chiquinha Gonzaga, aparece entre as gravações de Baiano, assim como “O arame”, de Ernesto de Souza. O DCA registra ainda que Baiano atuou no “teatrinho do Passeio Público e no Circo Spinelli” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Baiano foi, em 1916, o intérprete do primeiro samba gravado, “Pelo telefone”, de Donga e Mauro de Almeida, e seguiu carreira discográfica durante os anos 1910 e 1920. Com longa

126 As citações relacionadas a Baiano e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Baiano. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/baiano>. Acesso em: 10 ago. 2020.

discografia em discos de 78 rotações por minuto (rpm),¹²⁷ é autor de “Carta de um tabaréu”, “Dores íntimas” e “O comilão”.

BALDUÍNO ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1920?]). Bombardinista.

“Bombardino e companheiro de Cantalice [cujo perfil consta neste capítulo]” (Gonçalves Pinto, 2014, p. 196).

BARRETO, Galdino ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Cavaquinista.

Vasconcelos (1977, p. 329) informa que Galdino Barreto, o Galdino Cavaquinho, “foi mestre de outro chorão célebre: Mário Álvares ou Mário Cavaquinho”. Gonçalves Pinto aponta que Galdino Cavaquinho foi

[...] mestre dos mestres, que se celebrizou como o seu aprendiz Mário, cujo discípulo venceu naquela época todas as dificuldades do instrumento, transformando a sua tonalidade de quatro cordas para cinco. Enquanto isso, Galdino continuava com o seu cavaquinho de quatro cordas tirando infinidades de tons e combinações de acordes que me são aqui difíceis de descrever, tal é a magia, e a convicção das notas vibradas pela palheta encantada de Galdino, este grande artista, inigualável no meio dos chorões, onde ele foi o único educador deste instrumento que se chama cavaquinho (Gonçalves Pinto, 2014, p. 58).

127 Discos de 78 rpm feitos de goma-laca, surgidos nos anos 1900. A partir da década de 1940, os 78 rpm começaram a ser substituídos pelos discos de 45 rpm e de 33 rpm (Odier; Moura; Campos, 2022).

BEVILACQUA, Francisco Alfredo (Rio de Janeiro/RJ, 1846 – Rio de Janeiro/RJ, 1927). Compositor.

Com base no catálogo da exposição *Música no Rio de Janeiro Imperial (1822-1870)*, Vasconcelos (1977, p. 300) nos informa que Francisco era filho do compositor e pianista Isidoro Bevilacqua. E que, em 1852, aos 6 anos, compôs a modinha “Como o favorito que passa”, sobre poema de Joaquim Manuel de Macedo.

BILHAR, Sátiro ([?]/CE, 1860 – Rio de Janeiro/RJ, 1927). Compositor e violonista.

A EMB ressalta que Sátiro Bilhar merecia grande consideração entre os chorões antigos, meio no qual teve atuação muito relevante. Obras: “Gosto de ti, porque gosto...” (canção com letra de Catulo da Paixão Cearense), “Tira poeira” (polca), “Estudos de harpa” (estudo para violão), “O que vejo em teus olhos” (modinha), “As ondas são anjos que dormem no mar” (modinha com letra de Catulo da Paixão Cearense) e “Tu és uma estrela” (modinha) (Marcondes, 1977).

BRAGA, Henrique ([?], 15/8/1845 – [?], 10/6/1917). Compositor, pianista e professor.

A EMB informa que Henrique Braga iniciou seus estudos musicais no Conservatório de Música do Rio de Janeiro, tendo sido colega de Carlos Gomes. Estudou harmonia e composição com François Bazin (1816-1898), e piano com Antoine-François Marmontel, na França, onde realizou alguns concertos. Em 1890, foi nomeado professor de teoria e solfejo no Instituto Nacional de Música. Compôs música de câmara, instrumental para piano, e para canto e piano (Marcondes, 1977).

BUSSMEYER, Hugo (Brunswick, Alemanha, 26/2/1842 – Rio de Janeiro/RJ, 1/2/1912). Compositor, pianista e organista.

O pai de Hugo, Mauricio Bussmeyer era cantor de ópera da Corte, aponta Vasconcelos (1977, p. 282). Também de acordo com Vasconcelos (1977, p. 282), Hugo Bussmeyer veio ao Brasil, em 1860, para apresentar-se como pianista, no Rio de Janeiro. Durante os anos 1860, Bussmeyer excursionou pela América do Sul e Estados Unidos. De volta ao Brasil em 1876, quando se apresentou para D. Pedro II, ele cedeu ao convite anteriormente feito pelo imperador e foi nomeado Mestre da Capela Imperial, exercendo o cargo até a Proclamação da República, nos informa Vasconcelos (1977, p. 283). Compôs diversas peças eruditas, entre elas, a modinha “Anjo”, sobre poesia de Casimiro de Abreu (1977, p. 283).

CADETE (Ingazeiro/PE, 3/5/1874 – Tibagi/PR, 25/7/1960). Compositor, cantor e violonista.

O DCA registra que Manoel Evêncio da Costa Moreira, o Cadete, “foi o primeiro cantor a gravar em cilindros para Casa Edison, introdutora no Brasil da gravação de discos de gramofone”, pela qual gravaria diversas modinhas e lundus, assim como pela Columbia (ICCA, [s. d], [n. p.]).¹²⁸ O DCA informa que Cadete foi amigo e compadre de Catulo da Paixão Cearense, e que conviveu com Sátiro Bilhar, Anacleto de Medeiros, Irineu de Almeida, Mário Pinheiro, Eduardo das Neves, Quincas Laranjeiras e Ernesto Nazareth (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Além de uma longa discografia, Cadete é autor das obras: “A política”, “Amor desfeito”, “Carta de um caipira”, “Com medo das visões”, “Desânimo de um coração”, “Geografia polêmica”, “Madapolão e bem-te-vi”, “Menina diz a teu pai”, “No consultório de um médico”, “O bonde”, “O vaidoso”, “Quem é o diabo?”, “Tropeiro em viagem” e “Trovas de um garoto”.

128 As citações relacionadas a Cadete e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Cadete. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/cadete>. Acesso em: 8 ago. 2020.

CANTALICE, Guilherme ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1920?]). Compositor e violinista.

Autor da famosa polca “Nhonhô em sarilho”, em que Catulo da Paixão Cearense, posteriormente colocaria letra, rebatizando-a como “O teu pé” (Vasconcelos, 1977, p. 346). Gonçalves Pinto assim o retrata:

Foi músico de fazer vibrar corações com o seu admirável violino. Tocava com muita alma, gosto e saber. Conhecia muito bem a música, que tocava com grande facilidade e maestria. Nos choros que tocava era de embasbacar, tal o embelezamento que ele fazia naquele já velho instrumento. Solava muito bem as polcas, valsas, *schottischs* de Calado, Viriato e Rangel, que ele adorava. Solava quadrilhas inteiras, de fazer encantar (Gonçalves Pinto, 2014, p. 111).

CAVALIER-DARBILLY, Carlos Severiano. (Rio de Janeiro/RJ, 1846 – São Paulo/SP, 31/6/1918). Compositor, pianista e professor.

De acordo com a EMB, Cavalier-Darbilly começou a estudar no Conservatório de Música do Rio de Janeiro, aos 9 anos, tendo sido aluno de Gioacchino Giannini (órgão e contraponto) e de Dionísio Vega (canto e solfejo) (Marcondes, 1977). A EMB também nos informa que ele foi estudar na Europa como pensionista do Império, juntamente com Henrique Alves de Mesquita e Carlos Gomes (Marcondes, 1977). Estudou piano com Antoine François (1816-1898) e harmonia e composição com François Bazin (1816-1878). Foi professor de piano voluntário (e, posteriormente, concursado) do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Dedicou-se especialmente à composição de operetas.

CARDOSO, Miguel de Jesus (Serro/MG, 12/4/1850 – Rio de Janeiro/RJ, 8/11/1912). Professor e compositor.

A EMB registra que Miguel Cardoso mudou-se bem jovem para o Rio de Janeiro, após já ter iniciado estudos musicais em sua cidade natal

(Marcondes, 1977). Entre 1877 e 1880 estudou no Conservatório de Milão, na Itália, tendo sido aluno de harmonia de Michele Saladino (1835-1912) e de contraponto de Amintore Galli (1845-1919). Ao retornar ao Rio de Janeiro dedicou-se ao magistério. Foi um importante professor de harmonia, tendo entre seus alunos Alberto Nepomuceno, Francisco Vale e Sílvio Deolindo Frois. Escreveu críticas para a revista *Gazeta Musical* (Rio de Janeiro, 1891-1893). Como pedagogo escreveu os métodos *Harmonia elementar* (Rio de Janeiro, 1886), *Gramática musical* (Rio de Janeiro, 1886), *Divisão ritmada* (Rio de Janeiro, 1890) e *Metodologia elementar da música* (Rio de Janeiro, 1895). Como compositor escreveu, entre outras peças, *Ramo de ouro* (opereta fantástica, 1888), *O gato de botas* (opereta, 1888), *Soirées brésiliennes* (12 peças para piano, 1891).

CEARENSE, Catulo da Paixão (São Luís/MA, 8/10/1863 – Rio de Janeiro/RJ, 10/5/1946). Cantor, compositor, poeta e teatrólogo.

O DCA registra que Catulo mudou-se aos 10 anos com a família para o Ceará, e aos 17 anos (em 1880) seguiram para o Rio de Janeiro, indo residir na rua São Clemente, nº 37. Na cidade, ele

[...] começou a frequentar uma República de Estudantes na Rua do Barroso, em Copacabana, da qual faziam parte os flautistas Joaquim Calado e Viriato, o estudante de música Anacleto de Medeiros, o violonista Quincas Laranjeiras, o cantor Cadete e um estudante de Medicina que o ensinou a tocar violão, fazendo com que abandonasse a antiga paixão pela flauta (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹²⁹

Ainda de acordo com o perfil traçado pelo DCA, Catulo “recebeu grande influência dos cantadores do Nordeste com quem conviveu durante parte

129 As citações relacionadas a Catulo da Paixão Cearense e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira: Catulo da Paixão Cearense.** [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/catulo-da-paixao-cearense>. Acesso em: 8 de out. 2020.

de sua juventude, chegando, inclusive, a produzir literatura de cordel” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Apesar de cantar e tocar violão, Catulo se dedicaria a compor apenas letras, e, de acordo com Tinhorão, “partia quase sempre de melodias já conhecidas, e para as quais escrevia versos sem qualquer entendimento prévio com seus autores” (Tinhorão, 2000, p. 29). Fato também atestado por Edmundo:

É por esse tempo [o começo do século XX] que surge Catulo da Paixão Cearense, mais tarde consagrado como o maior poeta regional do Brasil, escrevendo poemas que encaixa com muito chiste em músicas já consagradas (Edmundo, 2003, p. 170).

Sobre essas composições, Carlos Augusto Bonifácio Leite (2016, p. 64) aponta que “Catulo colocava letras, muitas vezes à revelia dos autores, em melodias pré-existentes, sendo que, não raro, omitia o nome do parceiro, grafando ‘modinha de Catulo’, nos livros, revistas e partituras”.

CERNICCHIARO, Vincenzo (Torraca, Itália, 23/7/1858 – Rio de Janeiro/RJ, 7/10/1928). Compositor, violinista, professor e musicólogo.

Segundo a EMB, Cernicchiaro veio para o Brasil aos 12 anos, mas regressou à Itália para estudar em Milão, no Real Conservatório (Marcondes, 1977). De volta ao Brasil, passou a morar no Rio de Janeiro. Foi professor do Instituto Benjamin Constant e do Instituto Nacional de Música. Compôs música instrumental e vocal. Escreveu o livro *Storia della musica nel Brasile* (1926), importante trabalho dedicado à música brasileira do período colonial até a sua época.

COELHO, Luís Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado (Lisboa, Portugal, 28/12/1831 – Lisboa, Portugal, 13/2/1900). Compositor, teatrólogo, empresário, ator e poeta.

Segundo a EMB, Furtado Coelho chegou ao Brasil em 1856 e estreou como ator em Porto Alegre no ano seguinte (Marcondes, 1977, p. 196). Passou

a morar no Rio de Janeiro a partir de 1858. Compôs a música do drama *Dalila*, de Octave Feuillet (1821-1890), que se tornou muito conhecida no país, sendo comum nas serenatas familiares da segunda metade do século XIX e começo do XX. Foi responsável pela inclusão de recitativos com acompanhamentos musicais compostos especialmente para estas ocasiões, em saraus e tertúlias literárias. Inventou o “copofone”, instrumento que costumava tocar nos intervalos de peças teatrais. Compôs valsas e polcas para piano, tendo sido algumas delas editadas pela Casa de Música Narciso & Arthur Napoleão.

COLÁS, Francisco Libânio (São Luís/MA, [ca. 1830] – [Recife/PE?], [1885?]).
Compositor, violinista, regente e professor.

A EMB registra que Colás era filho de um empresário teatral e tinha três irmãos, todos músicos (Marcondes, 1977). Ele destacou-se como professor de violino, regente e compositor de peças religiosas e operetas. Em São Luís (MA), regeu diversas óperas encenadas por companhias italianas. Sua opereta *Uma véspera de Reis*, estreada em Salvador (BA), foi apresentada no Rio de Janeiro, em 1891. Além de arranjador, compôs aberturas, valsas, polcas e mazurcas.

COSTA, Artidoro da (Rio de Janeiro, 14/8/1883 – Niterói/RJ, 25/9/1930).
Compositor e violonista.

Alcino Artidoro da Costa nasceu no bairro São Cristóvão. Segundo Vasconcelos (1985, p. 56), Artidoro da Costa era um virtuoso do violão. Catulo da Paixão Cearense, letrista em algumas composições de Artidoro, com quem também fizera serenatas, registrou em seu livro *Mata iluminada* as seguintes palavras sobre o parceiro:

Oficial do Exército. Músico e compositor, já foi um *pinho* respeitado pelos mestres. Já fizemos esplendias serenatas de violão e canto. Hoje [sic] Artidoro comanda soldados e seu violão quase que emudeceu. Por que? [sic] Só ele sabe. Será crível que esse

homem não tenha saudade das estrelas, das luas e das noites de outrora?! (Cearense, 1924 *apud* Vasconcelos, 1985, p. 57)

Artidoro é autor de “Guanabara” e “Sonhar ternuras” (que recebeu letra de Catulo da Paixão Cearense sendo denominada “Foste um lírio”).

**COSTA, D. ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]).
Compositora e pianista.**

Segundo Cernicchiaro (1926 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 344), “D. Costa, pianista e compositora, publica, no mesmo ano [1881], uma belíssima ‘Habenera de Salão’ e ‘A Pecadora’ revelando talento e bom gosto” (tradução nossa).¹³⁰

**CUNHA, João Elias da ([Rio Claro/RJ?], [1850?] – [Rio Claro/RJ?], [1910?]).
Compositor, pianista e regente.**

De acordo com Gonçalves Pinto (2014, p. 81), João Elias da Cunha foi “mestre da banda do Corpo Policial da Província do Rio de Janeiro”. Cernicchiaro (1926 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 343) registra que Elias da Cunha também foi “professor de viola e pianoforte em Rio Claro (1881), escreveu e deixou muitas produções no gênero de música de dança, entre as quais recordamos ‘Magia’ e ‘Zizinha’ publicadas em 1878, no Rio de Janeiro” (tradução nossa).¹³¹

130 “D. Costa, pianista e compositrice, pubblica, nello stesso anno, una bellissima ‘Habenera de Salão’ e ‘A Pecadora’, rivelando talento e buon gusto”.

131 “professore di violetta e insegnante di pianoforte in Rio Claro (1881), scrisse e lasciò moltissime produzioni nel genere di musica per danza, tra le quali ricordiamo ‘Magia’ e ‘Zizinha’ pubblicate nel 1878, in Rio de Janeiro”.

FAULHABER, Manuel Porto Alegre (Rio de Janeiro/RJ, 25/5/1867 – Rio de Janeiro/RJ, 7/2/1922). Pianista e compositor.

A EMB registra que Manuel Faulhaber iniciou seus estudos musicais de piano com o pai, Paul Faulhaber (pianista, violinista, compositor e professor alemão radicado no Rio de Janeiro), tendo dado sequência com Alfredo Bevilacqua (Marcondes, 1977). Foi concertista com muitas apresentações realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, tendo a improvisação como importante qualidade. Também foi bibliotecário e membro honorário do Instituto Nacional de Música. Entre suas obras constam “Ballade”, “Caprice valse”, “Diálogo”, “Noturno”, “Prelúdio”, “Romance”, “Scherzo”, e “Trois morceaux”, todas para piano.

FERREIRA, Inácio ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Flautista.

Vasconcelos acredita que Inácio Ferreira seria o mesmo Inacinho Flauta citado por Alexandre Gonçalves Pinto no livro *O choro* (1936), no qual ele descreve assim o perfil do músico: “Tocava belos e ternos choros, que faziam os encantos dos salões. [...] Gostava muito dos pagodes que houvesse grude, como ele chamava a farta mesa” (Gonçalves Pinto, 1936, p. 90 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 293).

FLUMINENSE, Artur ([Rio de Janeiro/RJ?], 1850 – Rio de Janeiro/RJ, [1900?]). Flautista.

Do pouco que se sabe sobre Artur Fluminense, é Gonçalves Pinto (2014, p. 18) quem nos informa: “Apesar de não o ter conhecido pessoalmente pude pegar algumas pequenas informações, sabendo que ele privou com os grandes flautas da antiguidade”.

FONTES, Sousa ([Rio de Janeiro/RJ?], [1840?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1900?]). Compositor.

Vasconcelos (1977, p. 272) registra que Sousa Fontes teria sido médico ou advogado, e publicou suas composições sob o pseudônimo de Fausto Zosne. Vasconcelos credita essas informações a Cernicchiaro (1926 *apud* Vasconcelos, p. 272), que também aponta que Sousa Fontes “estudou teoria e harmonia com o maestro Miguel Cardoso”.

GOMES, Antônio Carlos (Vila de São Carlos/SP, atual Campinas, 11/7/1836 – Belém/PA, 16/9/1896). Compositor e regente.

De acordo com a EMB, Carlos Gomes se apresentou em público pela primeira vez em 1846, quando tocou triângulo com a Banda Marcial em apresentação para Pedro II, na cidade de Campinas (Marcondes, 1977). Na ocasião, a Banda Marcial foi regida pelo pai de Carlos Gomes, Manuel José Gomes, conhecido como Maneco, que também era músico e lecionava piano, canto, órgão e violino. Dando sequência à vida musical, Carlos Gomes estudaria clarineta, violino e piano. Entre suas primeiras composições figuravam modinhas, valsas e mazurcas que ele começou a escrever ainda aos 11 anos. Já em 1854, escreveu uma missa, e, no ano seguinte “A rainha das flores” (valsa para piano), “Bela ninfa de minh’alma” (romance) e “A caiumba” (congada). Em 1859, abriu um curso de piano, canto e música juntamente com Ernest Maneille. Após morar em São Paulo, mudou-se para o Rio de Janeiro para continuar seus estudos musicais no Conservatório de Música, onde foi aluno de Gioacchino Giannini. A repercussão de suas composições lhe valeria o cargo de regente da orquestra da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, em 1860. No ano seguinte, estrearia sua primeira ópera, *A noite no castelo*, no Teatro Lírico. Em 1863, com uma pensão assegurada pelo governo imperial, partiria para Milão, na Itália, onde estudou como maestro Lauro Rossi (1810-1885). Foi lá que estreou sua ópera *O guarani*, no Teatro Scala, em 1870, o que o tornou um compositor consagrado internacionalmente. Ainda nesse ano regressaria ao Rio de Janeiro, sendo recebido como herói nacional, quando também realizou a estreia de

O guarani, com a famosa introdução que ainda não existia na estreia italiana. Em sua produção destacam-se, sobretudo, suas óperas *Fosca* (1873), *Salvator Rosa* (1874), *Maria Tudor* (1879), *Lo schiavo* (1889) e *Condor*, e o oratório *Colombo* (1892), mas Carlos Gomes também escreveu música orquestral, coral, de câmara, sacra e instrumental. Sua morte e enterro causaram grande comoção no país, tendo cerimônias de corpo presente no Rio de Janeiro, com Henrique Alves de Mesquita regendo bandas de músicas, antes de o corpo ser levado para o sepultamento em Campinas. Nesse período, Carlos Gomes foi, sem dúvidas, o compositor com maior reconhecimento no Brasil e no estrangeiro e permanece como um dos maiores vultos da música no Brasil e no mundo.

GONZAGA, Chiquinha (Rio de Janeiro/RJ, 17/10/1847 – Rio de Janeiro/RJ, 28/2/1935). Compositora, pianista e regente.

Francisca Hedwiges de Lima Neves Gonzaga, filha de José Basileu Neves Gonzaga e Rosa Maria de Lima Gonzaga. De acordo com Vasconcelos (1977, p. 303), a família era da “mesma linhagem de Tomás Antônio Gonzaga e Duque de Caxias”. Com o maestro Elias Álvares Lobo, teve as primeiras aulas de música, e, aos 11 anos, compôs “Canção dos pastores”, com letra do irmão Juca. Após dois casamentos, sendo o primeiro aos 13 anos, “passou a morar só com os filhos em uma modesta casa de São Cristóvão, na Rua General Bruce” (Vasconcelos, 1977, p. 304). Dedicou-se ao ensino de piano e tocou com orquestras em festas. Em meados dos anos 1870, aperfeiçoou seus estudos de piano com Arthur Napoleão, e fizeram concertos juntos. Com interesse no teatro, Chiquinha Gonzaga escreve a peça *Festa de São João*, em 1883, e, em 1885, musicou *A Corte na roça* (com apresentações nos Teatro Príncipe Imperial e São José), de Palhares Ribeiro, da qual o tango “Menina faceira” tornou-se famoso. O sucesso garantiu convites para novas composições. Ainda segundo Vasconcelos (1977, p. 304), a relação de obras de Chiquinha Gonzaga inclui: “77 partituras de peças teatrais, entre operetas, burletas e revistas, cinco das quais ficaram inéditas. Escreveu ainda cerca de 2.000 composições: polcas, choros, tangos, valsas, canções, modinhas, etc.”. A compositora participou da campanha abolicionista e doou parte da renda de venda

de suas músicas a associações que defendiam a abolição da escravatura. Algumas de suas composições alcançariam enorme popularidade, como foi o caso de “Corta-jaca (Gaúcho)” (1897), “Ó abre alas” (1899) e a modinha “Lua branca” (1911). Também obteria triunfos com peças de teatro para as quais compôs a trilha sonora, como *Sertaneja* (1915) e *Juriti* (1919), ambas com texto de Viriato Correia.

Gonçalves Pinto registra seu retrato da artista:

Chiquinha Gonzaga, foi uma das primeiras pianistas em todo o Brasil, conhecia o piano por dentro e por fora. Era de um gosto extraordinário como nenhum ainda apareceu.

Chiquinha era de uma educação finíssima, de um tratamento sublime. Na sua casa recebia todos com o maior carinho, sempre risonha e satisfeita. Quando pedia-se para tocar um choro, não se fazia de rogada, abria o piano e, com os seus dedos hábeis e admirados principiava com um choro composto por ela, pois são inúmeros, e fazia a delícia dos que a escutavam. Tocava também o clássico, tinha grande predileção pelas músicas de Carlos Gomes, que ela conhecia com grande proficiência. Também adorava as músicas de Verdi, Puccini, Leoncavallo, Paganini e muitos outros grandes músicos (Gonçalves Pinto, 2014, p. 45).

Vasconcelos (1977, p. 306-315) lista 349 composições de Chiquinha Gonzaga.

**JUCA VALE ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]).
Violonista.**

Gonçalves Pinto nos informa que Juca Vale foi “[...] um dos primeiros violões de sua época [...] companheiro inseparável de Calado e Viriato, Rangel, Luizinho e muitos outros flautas que tinham nele um acompanhador seguro no seu violão” (Gonçalves Pinto, 2014, p. 91).

JUSTINIANO ([Niterói/RJ?], [1850?] – [Niterói/RJ?], [1910?]). Flautista.

Gonçalves Pinto nos informa que Justiniano:

Era flauta que morava em Niterói e que tocava de ouvido músicas difíceis, que punham em embaraço músicos de primeira nomeada e que se extasiavam de ouvi-lo tocar. O Justiniano ia todos os dias para o Arsenal ouvir os ensaios da banda regida pelo inesquecível Bocot. E gravava no ouvido as melhores músicas, para executar na sua flauta de cinco chaves (Gonçalves Pinto, 2014, p. 33).

LEAL CARECA ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Oficleidista.

É Gonçalves Pinto quem nos traz informações sobre Leal Careca:

Era sapateiro, morava na rua Estácio de Sá, quase ao chegar ao Largo do mesmo nome.

[...]

Foi chorão como poucos. O seu instrumento era o sempre lembrado oficleide, que ele manejava com maestria.

Leal era amigo e companheiro de Callado, Viriato, Silveira, Luizinho, com quem sempre tocava. Era um músico de respeito, pois acompanhava os flautistas acima com gosto e alma.

Conheci-o pessoalmente e, apesar de muito criança, apreciei muitas vezes tocar em bailes que se davam constantemente em uma casa ali no Estácio [...]

Era um gênio nos choros, pois tinha prazer em suplantar a todos os componentes da música (Gonçalves Pinto, 2014, p. 52).

LEAL, Manoel F. C. ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Compositor.

Sem identificar as iniciais F. C. no nome de Manoel Leal, tudo que Vasconcelos consegue nos informar é a seguinte lista de suas composições: “Alzira” (valsa dedica a Alzira Leal Schaffler, prima do compositor), “Aurus do Lulu” (polca), “Como vão as coisas?” (polca), “Eu e ela” (polca), “Gerfaut na ponta” (polca), “Radiante” (quadrilha), “Satírica” (valsa), “Segure-se no pulo” (polca), “Sempre ela” (polca), “Vencedora” (polca) (Vasconcelos, 1977).

LUIZINHO ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Flautista.

Segundo Vasconcelos (1977, p. 296), “de sua vida nada se conhece. Sabe-se que foi da roda de Virgílio da Silveira, Viriato Figueira da Silva e Antônio da Silva Calado”. Gonçalves Pinto registra sua presença nas rodas de choro:

Os acompanhamentos eram violão, cavaquinho, oficleide, bombardão, instrumentos estes que naquela época faziam pulsar os corações dos chorões, quando eram manejados pelos batutas da velha guarda, como sejam Silveira, Viriato, Luizinho, etc. (Gonçalves Pinto, 2014, p. 11).

MACHADO, Rafael Coelho (Ilha da Madeira, Portugal, 1814 – Rio de Janeiro/RJ, 15/8/1887). Musicólogo, organista, compositor e professor.

Segundo a EMB, Rafael Machado chegou ao Brasil em 1835, fixando-se no Rio de Janeiro, onde se estabeleceu como professor (Marcondes, 1977). Seu dicionário musical foi o primeiro editado no país e também foi publicado na França. Foi organista da igreja da Candelária. Lecionou piano, canto, composição, órgão, instrumentos de sopro, harmonia e regras de instrumentação. Além de uma loja de pianos, Machado fundou uma editora e foi responsável pela tradução de vários métodos de música.

Publicou o *Dicionário musical* (Rio de Janeiro, 1842; 2ª ed. aumentada, Rio de Janeiro, 1855; 3ª ed., Paris, 1888), *Princípios da música prática para uso dos principiantes* (Rio de Janeiro, 1842), *ABC musical* (Rio de Janeiro, 1845, reeditado várias vezes), *Método de afinar piano* (Rio de Janeiro, 1845, reeditado várias vezes); *Breve tratado de harmonia* (Paris, 1852, reeditado várias vezes); *Elementos de escrituração musical ou arte de música* (Lisboa, 1852), *Método de órgão expressivo* (Rio de Janeiro, 1854), *Método de oficlido* (Rio de Janeiro, 1856). Entre suas obras constam as peças sacras *Cantos religiosos e colegiais para uso das casas de educação*, a *Grande missa*, a *Missa de Santa Luzia* e um *Te Deum*.

MADEIRA, Antônio ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1920?]). Oficleidista.

Antônio Madeira “foi um regular oficleidista. Era da antiga Escola Militar e tocava sempre com Sérgio, pistonista” (Gonçalves Pinto, 2014, p. 199).

MADEIRA, Ismael ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Compositor.

Sobre Ismael Madeira, Vasconcelos (1977, p. 340-341) nos informa que ele deixou as três composições listadas “Arco-íris” (valsa), “Guanabara” (xote) e “Caprichos” (gênero não informado).

MALCHER, José Cândido da Gama (Belém/PA, 21/11/1853 – Belém/PA, 17/1/1921). Compositor.

De acordo com a EMB, Gama Malcher foi aluno de piano de Henrique Eulálio Gurjão (Marcondes, 1977). Em 1877, foi para a Itália estudar no Conservatório de Milão. Lá, estudou harmonia e composição com Michele Saladino (1835-1912). Sua ópera *Bug-Jargal* estreou em Belém do Pará em 1890 e, no ano seguinte, durante turnê pelo Brasil, foi apresentada por ele e sua companhia no Rio de Janeiro. Compôs música dramática,

orquestral, sacra, de câmara, peças para piano, violino, valsas, hinos e marchas.

**MALLIO, Frederico (Rio de Janeiro/RJ, 1863 – Rio de Janeiro/RJ, 1926).¹³²
Compositor e pianista.**

Vasconcelos recorre a Cernicchiaro para nos informar que

F[r]ederico Mallio, o conhecido pianista e professor brasileiro, tornou-se também conhecido como fecundo compositor de música popular; publicou em 1881, uma brilhante valsa: “Arinda” que seria seguida por uma imensidade de outras composições (Cernicchiaro, 1926 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 341, tradução nossa).¹³³

**MANDUCA DE CATUMBI ([Rio de Janeiro/RJ?], [1842?] – [?], [1920?]).
Vilonista.**

Alexandre Gonçalves Pinto traça o seguinte perfil do músico:

Manduca de Catumbi era um chorão célebre de gloriosa tradição, tipo idoso, de cor parda, de alta estatura e usava a cabeleira partida ao meio e a tradicional sobrecasaca. Trabalhava numa litografia na rua da Assembleia [...] era um chorão solista e bom acompanhador, que pouco utilizava dos bordões, porém fazia proezas nas cordas de tripas, sendo por esta razão respeitado e admirado por outros chorões. Embora não tendo elegância, pois tocava com a cabeça caída sobre o instrumento, sabia tirar

132 As datas e local de nascimento e morte de Frederico Mallio têm base no artigo de Alexandre Dias, “Nazareth e sua época (parte 1): Frederico Mallio”. Disponível em: <https://ernestonazareth150anos.com.br/posts/index/26>. Acesso em: 8 jul. 2024.

133 “*Federico Mallio, il noto pianista e insegnante brasiliano, si fa conoscere anche come fecondo compositore di musica popolare; pubblicò nel 1881, un brillante valzer: ‘Arinda’ al quale dovevano far seguito una immensità di altre composizioni*”.

partido nos choros que executava [...] fez a sua época no tempo em que os violões não estavam valorizados como hoje se acham [...] (Gonçalves Pinto, 2014, p. 57-58).

Catulo da Paixão Cearense, em seu livro *Mata iluminada*, colabora para que possamos ter uma noção da figura de Manduca de Catumbi, sua música e do meio em que vivia:

Era pardavasco, morador em Catumbi, mas conhecidíssimo em zona da Cidade Nova. Conquanto a sua “maneira” fosse de estilo antigo, tocava com sentimento e possuía uma grande execução. Apaixonado pelos lundus, cantava-os com muito espírito, sendo, por essas virtudes, a flor dos *baiões* de lampião de querosene daquela afamada Metrópole dos dançadores e do “pessoal da lira”. Morreu em um festival de núpcias, com perto de oitenta anos, quando o seu violão exalava os últimos suspiros de uma valsa langarosa (Cearense, 1924, p. 237 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 284-285).

MANEZINHO DA CADEIA NOVA ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Cantor e violonista.

“Possivelmente cantor e/ou violonista [...] também conhecido como Manezinho da Guitarra” (Vasconcelos, 1977, p. 291).

MEDEIROS, Anacleto Augusto de (Paquetá/RJ, 13/7/1866 – Paquetá/RJ, 14/8/1907). Compositor, regente e saxofonista.

A EMB registra que Anacleto de Medeiros, filho de uma escrava liberta, começou a estudar música tocando flautim na banda do Arsenal de Guerra da cidade do Rio de Janeiro, ingressando, aos 9 anos, na Companhia de Menores do Arsenal (Marcondes, 1977). Em 1884, passou a estudar no Conservatório de Música. Anacleto tocava vários instrumentos de sopro, mas tinha preferência pelo saxofone soprano. Posteriormente, o músico

se tornaria regente da banda do Corpo de Bombeiros, com a qual alcançou grande êxito e popularidade. Catulo da Paixão Cearense escreveria letras para diversas composições de Anacleto. Entre suas composições constam as valsas “As andorinhas”, “Coralina”, “Despedida” (ou “Serenata”, com versos de Catulo da Paixão Cearense); as polcas “Bouquet”, “Cabeça de porco”, “Em ti pensando”, “Morrer sonhando”, “Nenezinho e Catitinha” e “Quiproquó”; as quadrilhas “Açucena”, “Esperança” e “Fluminense”; as marchas “Conde de Santo Agostinho” e “Pinheiro Freire”; os dobrados “Araribóia”, “Avenida” e “Pavilhão brasileiro”; os *schottisches* “Santinha”, “Implorando”, “Olhos matadores” e “O teu olhar” (com letra de Catulo da Paixão Cearense); e, também, a canção “Iara”, que receberia letra de Catulo da Paixão Cearense sob o nome de “Rasga o coração” (Villa-Lobos também se valeria dessa obra para o tema de seu “Choro nº 10”).

MESQUITA, Henrique Alves de (Rio de Janeiro/RJ, 15/3/1830 – Rio de Janeiro/RJ, 1906). Compositor, regente, trompetista e organista.

Vasconcelos (1977, p. 190) informa que Henrique Alves de Mesquita nasceu na Ladeira do Castelo, no Rio de Janeiro. Também de acordo com Vasconcelos (1977, p. 190), Alves de Mesquita estudou inicialmente com o violoncelista Desidério Dorison, e mais tarde, em 1848, entrou para o Liceu Musical, tendo se transferido no mesmo ano para o Conservatório de Música, acompanhando seu professor no Liceu, Giannini. Em 1853, em parceria com o clarinetista Antônio Luís de Moura, passou a trabalhar no Liceu Musical e Copistaria, localizado na praça da Constituição (atual praça Tiradentes), onde “ensinavam música, afinavam pianos, compunham peças por encomenda, organizavam orquestras para bailes, etc.” (Vasconcelos, 1977, p. 190-191). Em 1857, Henrique Mesquita foi para a França, estudar no Conservatório de Música de Paris, onde cursou harmonia com François Bazin e deu sequência ao seu trabalho de compositor. Teve suas óperas apresentadas nos teatros Lírico Fluminense e Phenix Dramática. “Em 1890, Mesquita foi nomeado professor do Conservatório de Música, sendo jubilado em fevereiro de 1904.” (Vasconcelos, 1977, p. 192).

O maestro e biógrafo de Henrique de Mesquita, Batista Siqueira, defende que o compositor foi o criador do tango brasileiro (Vasconcelos, 1977, p. 193). Vasconcelos registra que “Guilherme de Melo inclui Henrique Alves de Mesquita entre os compositores que cultivaram a modinha no Rio de Janeiro” (Vasconcelos, 1977, p. 193).

Autor de “O retrato”, modinha (1855); “Ilusão”, romança (1855); “Corrupio”, polca (1855); “Saudades de Mme. Charton”, valsa (1856); “Os beijos de frade”, polca-lundu (1856), com letra de E. D. Vilas Boas; *Te Deum*, (1856); *Missa da festa de Santa Cecília*, (1856); *O noivado de Paquetá*, ópera em três atos (1857); “L’Étoile du Brésil”, abertura (1865); “Noites Brasileiras”, quadrilha (1865); “Confissão e Desengano”, romança (1865); “Minha estrela”, polca (1866); “Laura”, polca (1866); “Moreninha”, romança (1867) com letra de Laurindo Rabelo; “Olhos matadores”, primeiro tango brasileiro (1868, editado em 1871); *Nono mandamento*, peça que incluía um lundu no segundo ato (1870); *La nuit au chateau*, ópera cômica (1870); *Trunfo às avessas*, peça que incluía algumas quadrilhas e dança de fado (1871); *Ali Babá*, peça em três atos. São ainda incluídas entre suas obras um tango brasileiro, também intitulado “Ali Babá” (1872); *A pêra de Satanás*, peça (1872); *A coroa de Carlos Magno*, peça (1873); *Vampiro*, peça (1873); *O vagabundo*, peça (1873); “Carnaval do Rio de Janeiro”, quadrilha (1875); *Loteria do diabo*, peça (1877); e *Gata borralheira*, peça (1885).

MEYER, Duque Estrada ([Rio de Janeiro/RJ?], 15/2/1848 – [Rio de Janeiro/RJ?], 24/4/1905). Compositor e flautista.

De acordo com Vasconcelos (1977, p. 326), Paulo Augusto Duque Estrada Meyer nasceu e morreu, presumivelmente, no Rio de Janeiro. Vasconcelos (1977) nos informa que Meyer foi aluno de Mathieu-André Reichert e de Calado, e, posteriormente, deu aulas para Patápio Silva. Foi diretor do Instituto Nacional de Música e da Filarmônica do Rio de Janeiro. Gonçalves Pinto (2014, p. 98) relata que Duque Estrada Meyer “não só conhecia os grandes choros dos imensos flautas [...], como também o clássico. Tocou em muitas orquestras, sendo admiradíssimo, pelos maestros daquela época”.

**MIGUEZ, Leopoldo Américo (Niterói/RJ, 9/9/1850 – [?], 6/9/1902).
Compositor, violinista, regente e professor.**

De acordo com a EMB, Leopoldo Américo Miguez foi com a família para a Espanha aos 2 anos, onde residiu até os 7 anos, seguindo para Portugal (Marcondes, 1977). Os primeiros estudos se deram na cidade do Porto com o violinista Nicolau Medina Ribas. Estudou composição e harmonia com Giovanni Franchini. O regresso ao Brasil se deu em 1871. Casou-se com a pianista Alice Dantas, em 1877. Firmou sociedade com Arthur Napoleão, tornando-se proprietários da maior loja de pianos e editora de partituras do Rio de Janeiro. A partir de então passou a se dedicar exclusivamente à música, deixando de lado as atividades comerciais com as quais trabalhou durante dez anos. Teve importante papel na divulgação da música de Liszt, Berlioz e Wagner no Brasil. Miguez foi diretor do Instituto Nacional de Música. Entre suas obras, podemos citar as óperas *Pelo amor!* ([s. d.]) e *Os Saldunes* ([s. d.]); *A Sinfonia em Si bemol* (1882); os poemas sinfônicos *Parisiana* (1888), *Ave libertas* (1890) e *Prometheus* (1891); o “Hino à proclamação da República”; além de algumas dezenas de obras sinfônicas, de câmara, instrumentais e vocais.

MILANEZ, Ábdon Filinto (Areias/PB, 10/8/1858 – Rio de Janeiro/RJ, 1/4/1927). Compositor.

Segundo a EMB, Milanez iniciou-se tardiamente no piano, não tendo feito estudos regulares de música (Marcondes, 1977). Suas primeiras composições foram polcas e valsas, sendo algumas delas publicadas pela Casa Bevilacqua. Destacou-se compondo operetas e mágicas, entre elas, *Fada azul*, *Bilontra* e *Viagem ao Parnaso*, mas também escreveu música sacra, marchas, hinos, valsas, quadrilhas, lundus etc.

MORAIS FILHO, Alexandre José Melo ([?]/Bahia, 23/2/1843 – Rio de Janeiro/RJ, 1919). Poeta, médico, historiador e ensaísta.

Após estudar medicina na Europa, Alexandre José Melo Morais Filho fixou-se no Rio de Janeiro e fez carreira como médico. Além dos livros

de poesia, etnografia e folclore, dedicou à música as seguintes obras: *Cantares brasileiros* (1900); *Serenatas e saraus*, em três volumes (1901-1902); e *Artistas do meu tempo* (1904), como nos revela Vasconcelos, que registra que

[...] alguns de seus versos foram musicados e se tornaram clássicos da canção brasileira. É o caso de *A Mulata*, [...] que conheceu a celebridade quando foi musicado por Xisto Bahia. E é também o caso de *O Bem-te-vi*, musicado por Emídio Pestana [...] (Vasconcelos, 1977, p. 285).

João do Rio (1908 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 286) aponta Melo Morais Filho como um dos poetas que davam “prestígio às melodias sibaríticas que punham Lord Beckford em delírio, em deleite [...]”. João do Rio ainda acrescenta que:

A modinha dera na gandaia, a modinha era vagabunda, a modinha descera à ralé, integralmente anônima, desprezada. Melo Morais empresta a sua companhia de homem sério a tamanha bombachata, precipita-se nas vielas e bodegas para apanhar a história dos mais célebres e mais notáveis poetas que ninguém conhece... (Rio, 1908 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 286).

NAZARETH, Ernesto Júlio de (Rio de Janeiro/RJ, 20/3/1863 – Rio de Janeiro/RJ, 4/2/1934). Compositor e pianista.

Segundo a EMB, Ernesto Nazareth nasceu no bairro da Cidade Nova, na encosta do morro do Nheco, posteriormente conhecido como morro do Pinto (Marcondes, 1977). Ele iniciou seus estudos de piano com a mãe, tendo estudado também com Eduardo Madeira e Lucien Lambert, após a morte da genitora. A polca-lundu “Você bem sabe” foi sua primeira composição. Seu tango “Brejeiro” é grande referência como definidor do gênero tango brasileiro. Atuava tocando em festas e dando aulas particulares de piano. Também tocaria na sala de espera do Cine Odeon que daria origem à sua composição “Odeon”. A morte da filha, em 1917, e da esposa,

em 1929, causariam grandes abalos em Nazareth, que desenvolveria perturbações mentais. Soma-se a isso uma progressiva perda da audição, que faria com que chegasse ao ponto de não mais ouvir o que tocava. Em 1933, seria internado no Instituto de Neurosfilis da Praia Vermelha, e, depois, transferido para a Colônia de Psicopatas Juliano Moreira, em Jacarepaguá. Ele seria encontrado morto por afogamento próximo a uma represa, após fugir do manicômio. Nazareth é dono de umas mais importantes obras da música brasileira, sendo referência para compositores como Henrique Oswald, Francisco Braga, Villa-Lobos, Francisco Mignone e Radamés Gnattali. Constam em sua obra composições como: “Adieu” (romance sem palavras, 1898); “Apanhei-te, cavaquinho” (polca, 1915); “Atrevidinha” (polca, 1989); “Brejeiro” (tango brasileiro, 1893); “Chile-Brasil” (quadrilha, 1889); “Coração que sente” (valsas, 1905); “Corbeille de fleurs” (*gavotte*, 1889); “Cuiubinha” (polca-lundu, 1893); “Dengoso” (maxixe, 1912); “A florista” (cançoneta com letra de Francisco Teles, 1909); “Escorregando” (tango brasileiro, [s. d.]); “Escovado” (tango, 1904); “Gentil” (*schottisch*, 1898); “Helena” (valsas, 1896); “Julita” (valsas, 1889); “Nenê” (tango, 1895); “Odeon” (tango, 1910); “Proeminente” (tango, [s. d.]); “Zica” (valsas, 1899); e “Zizinha” (polca, 1899).

NECO (Niterói/RJ, [ca.1865] – Niterói/RJ, [ca. 1940]). Compositor, cantor e violonista.

O DCA registra que Neco, cujo nome verdadeiro era Manuel Ferreira Capellani,

[...] participou intensamente da vida boêmia e musical de fins do século passado e início deste, tendo freqüentado [sic] as mesmas rodas que Anacleto de Medeiros, Juca Kalut, Luís de Souza, Catulo Cearense, Irineu de Almeida, entre outros. Um dos primeiros acompanhadores de choro ao violão, era muito respeitado pelos chorões da época, dentre os quais, Quincas

Laranjeiras, João Pernambuco, Zé Rabelo, Galdino, e outros (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹³⁴

**NEPOMUCENO, Alberto (Fortaleza/CE, 1864 – Rio de Janeiro/RJ, 6/7/1920).
Compositor, pianista, organista e professor.**

Segundo a EMB, Alberto Nepomuceno mudou-se com a família para Recife (PE) aos 8 anos (Marcondes, 1977). Suas primeiras aulas de música foram com o pai, Vitor Augusto Nepomuceno, que era violinista e ex-organista da catedral de Fortaleza. Deu sequência aos estudos com o maestro Euclides Fonseca. A primeira viagem ao Rio de Janeiro ocorreu em 1885, quando se apresentou como pianista em um concerto no Clube Beethoven, do qual viria a se tornar professor no ano seguinte. Suas primeiras composições surgiram em 1887, entre elas constam “Mazurca” para *cello* e piano; a “Mazurca nº 1”, “Ave Maria”, “Dança de negros” e “Scherzo fantástico” para piano; e as orquestrais “Une Fleur”, “Prece” e “Marcha fúnebre”. Nesse mesmo ano, partiu para Roma, Itália, juntamente com Frederico Nascimento, onde estudaria harmonia com Eugenio Terziani (1824-1889) e Cesare de Sanctis (1824-[?]) e piano com Giovanni Sgambati (1841-1914). Posteriormente, estudou composição em Berlim, Alemanha, com Heinrich von Herzogenberg (1843-1900) e piano com Theodor Lechetizki e Heinrich Ehrlich (1822-1899). Em 1893, casou-se com a norueguesa Walborg Bang, pianista e aluna de Edvard Grieg (1843-1907). Em visita à Noruega ficou hospedado na casa de Grieg, tendo os conselhos do compositor reavivado seu interesse “em trabalhar pela formação de um patrimônio musical brasileiro” (Marcondes, 1977, p. 528). Na volta ao Brasil, Nepomuceno passaria a morar no Rio de Janeiro, e, em 1902, tornar-se-ia diretor do Instituto Nacional de Música. Em 1908, promoveria um concerto de violão de Catulo da Paixão Cearense, que causaria polêmica com a crítica por tratar-se de música popular. Alberto Nepomuceno deixou uma grande

134 As citações relacionadas a Neco e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira: Neco**. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/neco>. Acesso em: 9 out. 2020.

obra composta de música dramática, orquestral, de câmara, instrumental, vocal e sacra.

NEVES, Eduardo das (Rio de Janeiro/RJ, 1874 – Rio de Janeiro/RJ, 11/11/1919). Compositor, violonista, cantor e palhaço de circo.

Segundo Taborda (2004, p. 89), Eduardo Sebastião das Neves, também conhecido como Dudu das Neves, Palhaço Negro, Negro Dudu e Crioulo Dudu, tinha a modinha e o lundu como especialidades. A autora observa que “Dudu fez sucesso como intérprete de lundus que primavam pelas letras satíricas de sabor picante” (Taborda, 2004, p. 90). O DCA registra que “entre 1894 e 1901, apresentou-se nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais” (ICCA, [s. d.], [n. p]).¹³⁵ O DCA informa, ainda, que Eduardo das Neves “foi funcionário da Central do Brasil de onde foi demitido ao participar de uma greve” e “foi soldado do Corpo de bombeiros [sic]” (ICCA, [s. d.], [n. p]).

OLIVEIRA, Benjamin de (Pará de Minas/MG, 11/6/1870 – Rio de Janeiro/RJ, 3/5/1954). Compositor, cantor, ator e palhaço.

De acordo com o DCA, Benjamin de Oliveira deixou a família ainda menor de idade para se juntar ao Circo Sotero, no qual teve sua iniciação como trapezista e acrobata. O DCA registra que:

[...] em 1893, foi pessoalmente recebido pelo então presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca [sic] e ganhou a permissão de armar o circo na Praça da República. Atuou como cantor, nos entreatos, executando ao violão os grandes sucessos

135 As citações relacionadas a Eduardo das Neves e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Eduardo das Neves. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/eduardo-das-neves>. Acesso em: 9 out. 2020.

da época: lundus, chulas e modinhas, principalmente as de seu amigo Catulo da Paixão Cearense (ICCA, [s. d.], [s. p.]).¹³⁶

Ainda de acordo com o DCA, sua breve discografia inclui as gravações do monólogo “Caipira mineiro” e o lundu “As comparações”; “O baiano na rocha” (em dueto com Mário Pinheiro); e a modinha “Se fores ao Porto”; todas de autoria anônima, gravadas em 1910 e lançadas pela Columbia em 78 rpm.

OLIVEIRA, Damazo Porcino de ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Compositor.

Gonçalves Pinto nos relata que:

Músico como nenhum naquela época, conheci [Damazo Porcino] como compositor, o seu gênio musical era tão sublime, que todos os quartéis desta capital davam sua entrada nos mesmos, pois sabiam que ele iria só instruir as músicas no Batalhão. Fez parte da Banda de Música da Província do Rio de Janeiro, regida pelo professor João Elias, ao lado de Juca Rezende, Gil, Juca Marques, e muitos outros músicos de nomeada (Gonçalves Pinto, 2014, p. 212).

OSWALD, Henrique José Pedro Maria Carlos Luís (Rio de Janeiro/RJ, 14/4/1852 – Rio de Janeiro/RJ, 9/6/1931). Compositor, pianista e professor.

De acordo com a EMB, a família de Henrique Oswald mudou-se da Suíça para o Brasil um ano após seu nascimento, indo morar em São Paulo,

136 As citações relacionadas a Benjamin de Oliveira e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Benjamin de Oliveira. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/benjamin-de-oliveira>. Acesso em: 9 out. 2020.

onde sua mãe passou a dar aulas de piano e o pai se dedicou ao comércio musical (Marcondes, 1977). A iniciação musical de Oswald se deu com sua mãe, através de aulas de piano. Posteriormente, estudou piano com Gabriel Giraudon, tendo se apresentado em público pela primeira vez em 1864. Em 1868, mudou-se para Florença, Itália, onde foi aluno de piano de Giuseppe Buonamici (1846-1914) e Henri Ketten (1848-1883), e de composição de Reginaldo Grazzini e Gioacchino Miglioni. Oswald teve contato com os compositores Franz Liszt (1811-1886) e Johannes Brahms (1833-1897). Em 1873, passou a lecionar no Instituto Musical de Florença. Em 1896, apresentou-se no Rio de Janeiro durante uma turnê, à qual se seguiram várias outras apresentações no Brasil, tocando piano e executando suas obras. De volta ao Brasil, ele se tornaria diretor do Instituto Nacional de Música, em 1903, onde ficou até 1906. Teve uma prolífica carreira como professor, formando grandes pianistas como Lorenzo Fernandez, Frutuoso Viana, Luciano Gallet e J. Otaviano. O compositor deixou uma vasta obra na qual consta música dramática, orquestral, de câmara, instrumental, vocal e sacra.

PACHECO, Francisco de Assis (Neto?), (Itu/SP, 8/1/1865 – Rio de Janeiro/RJ, 28/2/1937). Compositor, teatrólogo, pianista, regente e crítico.

A EMB registra que Pacheco iniciou seus estudos em sua cidade natal e, posteriormente, estudou composição com Amintore Galli (1845-1919), na Itália (Marcondes, 1977). Sua ópera *Moema* estreou em São Paulo em 1891, sendo apresentada também no Rio de Janeiro para onde o compositor se mudou, passando a trabalhar no meio teatral. Compôs óperas, música orquestral e de câmara.

PINHEIRO, Mário (Campos/RJ, 1880 – Rio de Janeiro/RJ, 10/1/1923). Cantor e violonista.

De acordo com o DCA, Mário teria fugido de casa aos 8 anos e acabou indo para o Rio de Janeiro (ICCA, [s. d.], [s. p.]).¹³⁷ Em 1913, partiu para a Itália, onde viveu até 1917. Mário Pinheiro teve dois filhos com Aída, harpista e integrante da orquestra do Teatro Scala de Milão. O casal separou-se em 1918, e, após dificuldades financeiras, Pinheiro morreu em situação de miséria, em 1923. Tinhorão registra que o Pinheiro estudou *bel canto* na Itália (Tinhorão, 1991, p. 38) e que ele “apresentava-se no Passeio Público”.

O DCA registra que Mário Pinheiro foi “um dos intérpretes mais populares em seu tempo” e que

[...] entre 1904 e 1909, gravou modinhas, lundus e canções para a Casa Edison, introdutora no Brasil da gravação de discos de gramofone. Esses discos, nos quais se apresentava apenas como Mário, obtiveram enorme vendagem, tornando-o conhecido em todo o Brasil (ICCA, [s. d.], [n. p.]).

Ainda de acordo com o DCA, a discografia de Mário Pinheiro “é a mais extensa realizada por qualquer cantor de sua época, incluindo gravações entre 1902 a 1919, para as etiquetas Casa Edison, Odeon-Record, Colúmbia, Phonograph e Victor Record” (ICCA, [s. d.], [n. p.]).

QUINCAS LARANJEIRAS (Olinda/PE, 8/12/1873 – Rio de Janeiro/RJ, 3/2/1935). Compositor e violonista.

Joaquim Francisco dos Santos, apelidado Quincas Laranjeiras, foi para o Rio de Janeiro com apenas 6 meses. Citado por Luís Edmundo como um

137 As citações relacionadas a Mário Pinheiro e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira: Mário Pinheiro.** [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/mario-pinheiro>. Acesso em: 8 ago. 2020.

dos “notáveis intérpretes” da modinha, “Quincas Laranjeira, o famoso Quincas, homem que molha de lágrimas a voz quando canta” (Edmundo, 2003, p. 166). Segundo Taborda (2004, p. 69), Laranjeiras “dedicou-se ao estudo do violão sem auxílio de professor, buscando nos antigos métodos – Carcassi, Carulli, Aguado, Antonio Cano [sic] a informação técnica”. O DCA registra que Quincas “iniciou seus estudos musicais com João Elias, professor e regente da Banda da Fábrica, como estudante de flauta, passando em seguida ao violão” (ICCA, [s. d.], [n. p.]).¹³⁸ Ele morou no bairro das Laranjeiras (que lhe rendeu o apelido) e, posteriormente, em Ipanema. Quincas também trabalhou na Inspetoria de Higiene e Assistência, tendo se aposentado em 1925. O DCA nos informa que Quincas Laranjeiras lecionou violão na Estudantina Arcas, da qual participou da fundação (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Ele conviveu com outros músicos da época na Casa de Música Rabeca de Ouro e na Cavaquinho de Ouro, na rua da Carioca, sendo a segunda frequentada por Heitor Villa-Lobos, Anacleto de Medeiros, Zé do Cavaquinho, Juca Kalut, João Pernambuco e Irineu de Almeida. Foi violonista da orquestra da Estudantina Euterpe e da orquestra do Rancho Ameno Resedá. O DCA destaca ainda que “além de acompanhador, [Quincas] foi solista do instrumento, tendo estudado e executado obras de Carcassi, Carulli, marcando uma atuação mais voltada para o violão clássico” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Quincas teria sido, ainda, um dos primeiros a lecionar “violão por música no Rio de Janeiro” (ICCA, [s. d.], [n. p.]). Participou como convidado de Catulo da Paixão Cearense do concerto realizado no Instituto Nacional de Música, apresentando-se também como solista. Entre seus alunos, destacam-se Sátiro Bilhar, Patrício Teixeira, João Pernambuco, Levino Conceição, José Augusto de Freitas e José Rebello da Silva. Autor de “Andantino”, “Dores d’alma”, “Prelúdio em Ré menor”, “Sabará” e “Sonhos que passam”.

138 As citações relacionadas a Quincas Laranjeiras e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Quincas Laranjeiras. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/quincas-laranjeiras>. Acesso em: 9 out. 2020.

RAMOS, Cândido da Costa ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1920?]). Violonista.

Candinho Ramos era também carteiro, amigo e compadre de Melo Morais Filho; é o que nos informa Gonçalves Pinto (2014, p. 13-14).

RANGEL, Miguel “Capitão” ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Compositor.

Segundo Gonçalves Pinto (2014, p. 21-22), Capitão Rangel foi “autor de inúmeras composições” e “um dos príncipes dos Chorões da Velha Guarda”. Gonçalves Pinto (2014, p. 21-22) lista as seguintes composições de Rangel: “Geralda”; “Alice”; “Futuro risonho”; “Ternura”; “Não machuca a gente”; “Amélia”; “Vivi”; “Olhos de Candinha”; “Saudades de 1º de agosto de 1888”; “Você me prometeu”; “Emília”; e “Simpatia”; e chama a atenção para o fato de que essa lista não representa “nem a terça parte de suas músicas”.

REIS, Domingos dos ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Cantor e/ou violonista.¹³⁹

De acordo com Vasconcelos (1977, p. 294), a única informação sobre Domingos dos Reis é de Melo Morais Filho, citada por João do Rio em *A alma encantadora das ruas*:

No Olimpo das serenatas do tempo, percebemos neste momento desfilar espectralmente orvalhados dos relentos, daquelas noites, vultos transcendente nomeada, excelentes rapazes que passaram neste mundo para deixar lampejos fugazes e duradouras recordações. E foram eles pelo crisma popular conhecidos por Zuzu Cavaquinho, Lulu do Saco [...], o Saturnino, o Luizinho, Domingos dos Reis, que lá desceram para os túmulos, que ora

139 “Presumivelmente cantor e/ou violonista” (Vasconcelos, 1977, p. 294).

volteio, agitando os ciprestes que os resguardam sob o céu sem eco das necrópoles (Morais Filho, 1900 citado por Rio, 1908, p. 271-272 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 290).

REIS, Júlio César do Lago (São Paulo/SP, 23/10/1870 – Rio de Janeiro/RJ, 20/9/1933). Pianista, organista, compositor e crítico.

De acordo com a EMB, Júlio Reis começou a estudar piano e órgão com sua mãe ainda na infância (Marcondes, 1977). Dedicava-se à música ao mesmo tempo em que era funcionário público do Senado Federal. Teve sua “Ave Maria” para piano e coros regida por Henrique Alves de Mesquita em apresentação na igreja do Santíssimo Sacramento, e sua “Marcha triunfal”, dedicada ao papa Leão XIII, foi executada em Roma, Itália, em 1887, durante a comemoração do jubileu sacerdotal do mesmo. Dedicou-se à literatura, tendo sido também crítico musical do jornal *A Notícia*. Publicou *À margem da música* (Rio de Janeiro, 1918) e *Música de pancadaria* (Rio de Janeiro, 1920), duas coletâneas com suas críticas musicais. Entre suas composições constam, entre outras, as óperas *Sóror Mariana* (1920) e *Heliofar* (1923); e as peças instrumentais *Alvorada nupcial* (para piano, [s. d.]), *Berceuse* (para piano, [s. d.]), *Cinco cenas orientais* (serenata, noturna, lótotus, preguiçosa e balada, para piano, [s. d.]), *Noturno* (para piano, [s. d.]), *Marcha triunfal*, *Berceuse* (para violino e piano) e *Ronde de nymphes* (para cello e piano, [s. d.]).

REIS, Pascoal Rodrigues ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1920?]). Violonista e cavaquinista.

De acordo com Gonçalves Pinto (2014, p. 116), Paschoal Reis morou na rua Bonjardim nº 1, onde se reuniam chorões como Valeriano do Couto (flautista) e seu irmão João Valeriano (oficleidista); Suntum Alves e Tenente Castro (ambos oficleidistas); e Manoel Pereira (violonista); além de Calado, Viriato, Capitão Rangel e Luizinho, entre outros.

SANT'ANNA, Major ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Cantor.

Major do Exército, Sant'Anna era cantor de modinhas. Gonçalves Pinto (2014, p. 136) nos informa que ele cantava “sempre acompanhado de seu filho”, o alferes Abílio de Santana, que era “sublime violonista, não só solava admiravelmente que encantava aos seus ouvintes, como também acompanhava a todos os solantes com uma perfeição de extasiar” (Gonçalves Pinto, 2014, p. 136).

SANTOS, Arthur Napoleão dos (Porto, Portugal, 6/3/1843 – Rio de Janeiro/RJ, 12/5/1925). Pianista, compositor e professor.

De acordo com Vasconcelos (1977, p. 286), Arthur Napoleão dos Santos “deu seu primeiro concerto de piano aos sete anos de idade, no Porto” e, depois, seguiu apresentando-se por toda a Europa, chegando a receber elogios de Liszt, Rossini, Berlioz, Wieniawski e Vieuxtemps. Segundo a EMB, Napoleão apresentou-se para a rainha Vitória, da Inglaterra, o rei da Prússia e Napoleão III, da França (Marcondes, 1977). Aos 14 anos, em 1857, visitou o Brasil pela primeira vez, quando se apresentou no Teatro Lírico Fluminense, no Rio de Janeiro. De volta à cidade, em 1862, acabou “fixando-se definitivamente no Rio de Janeiro” (Vasconcelos, 1977, p. 287). A EMB indica o ano de 1866 como sendo a data em que Napoleão se mudou em definitivo para o Brasil (Marcondes, 1977). No Rio de Janeiro, atuou como professor de piano e fundou uma loja de instrumentos e editora, que estimulou muito a produção musical do país. Autor da *tarantela* “Romance em Mi bemol” (original para piano e transcrito para violino e para canto com o título de “Adieu, je pars!”) e de diversas fantasias e valsas para piano, como “Remorso vivo”, “Chuva de rosas” (polca-concerto), “Teus olhos” (polca) e “Recordações de Petrópolis” (polca), também publicou algumas composições sob o pseudônimo de F. Fumagali.

SATURNINO ([Rio de Janeiro/RJ?], [1845?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1905?]). Flautista.

De acordo com Gonçalves Pinto,

[Saturnino] era exímio tocador flauta [...]. Nos subúrbios, bailes que houvesse, Saturnino estava sempre firme como sentinela avançada, sempre pronto para o combate. Nos pagodes onde tocava fazia a graça, pois era um pândego de força. Tocava todas as composições dos grandes flautas [...] (Gonçalves Pinto, 2014, p. 104).

SILVA, João Pereira da ([Rio de Janeiro/RJ?], [ca. 1830] – [Rio de Janeiro/RJ?], 1910). Compositor, saxofonista, flautista e regente de banda.

De acordo com Vasconcelos (1977, p. 194), sua composição “O cego” – “uma romança para canto” – teve algum sucesso. João Pereira da Silva teria deixado muitas peças para banda jamais publicadas, de acordo com Vincenzo Cernicchiaro (1926, p. 309 *apud* Vasconcelos, 1977, p. 194), que ainda acrescenta que ele era um “excelente tocador de saxofone e flauta” (tradução nossa).¹⁴⁰

SILVA, Viriato Figueira da (Macaé/RJ, 1851 – Rio de Janeiro/RJ, 24/4/1883). Compositor e flautista.

Pouco se sabe sobre Viriato da Silva. Vasconcelos (1977, p. 348) registra que ele foi “um dos grandes mestres do choro”, e que “residia, quando morreu, na Rua D. Ana Néri, 5-H, no Rio de Janeiro”. Autor de “Só para moer” (polca gravada por Patápio Silva, [ca.1903]), “Macia” (polca), “É segredo” (polca), “Caiu! Não disse?” (polca), “Carolina” (sem citação de gênero).

140 “*eccellente suonatore di sassofone e flauto*”.

SILVEIRA, Virgílio Pinto da ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Compositor, flautista e cantor.

De acordo com Vasconcelos (1977, p. 339), Virgílio da Silveira “foi um dos maiores chorões cariocas, fazendo parte do grupo de Calado, Viriato e Luizinho” e ele “morava na Rua Conde d’Eu, 236”, tendo sido ainda cantor da Capela Imperial. Autor de “Eletrizante” (quadrilha [?]), “É original” (polca), “Gratidão (A)” (valsas), “Jesus, que perigo!” (polca), “O que se não pode dizer” (polca), “Ouro sobre azul” (valsas), “Por que choras” (*habanera*), “Pranto e dor” (valsas), “Quanto dói uma saudade” (valsas), “Queixume d’alma” (polca), “Sonhos do porvir” (polca), “Teu chic” (polca) e “Uns lindos olhos que eu vi” (modinha).

SOARES “Caixa de Fósforos” ([Rio de Janeiro/RJ?], [1850?] – [Rio de Janeiro/RJ?], [1910?]). Flautista e compositor.

Nas palavras de Gonçalves Pinto (2014, p. 31), Soares “foi um primoroso flauta” que “tocava com alma, não só o choro que compunha, como todos os de seus companheiros, fazendo o encanto dos lares onde era chamado”.

SOUZA, Ernesto de (Rio de Janeiro/RJ, 1864 – Rio de Janeiro/RJ, 1928). Compositor, instrumentista, teatrólogo e farmacêutico.

De acordo com o DCA, Ernesto de Souza “fez fortuna como industrial farmacêutico”, tendo sido “grande proprietário de terras no Rio de Janeiro estendendo-se suas propriedades desde a Rua Uruguai na Tijuca até o trecho que se tornou depois o bairro do Grajaú”, e a carreira artística de Ernesto “começou no final do século XIX quando juntamente com Moreira Sampaio fundou o Clube Bogari, no qual criou uma orquestra de amadores com 25 componentes intitulada ‘Estudantina Carioca’ [sic]

grupo que apresentou diversos concertos” (ICCA, [s. d.], [s. p.]).¹⁴¹ Ainda segundo o DCA, Ernesto de Souza:

Morou no bairro carioca do Andaraí onde num galpão que existia em sua casa criou um Teatro Campestre no qual fazia representar operetas, comédias e revistas com artistas amadores da região. Dessas representações, ficou famosa a cançoneta “Quem inventou a mulata?”, da peça junina “São João na roça”. Sua casa era frequentada por figuras como Artur Azevedo, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré, Catulo da Paixão Cearense, Sátiro Bilhar e outros [...] (ICCA, [s. d.], [n. p.]).

Autor de “A mulata da roça”, “Angu do Barão”, “Me compra, ioiô”, “Mulata da Bahia”, “O arame” e “Quem inventou a mulata?”.

141 As citações relacionadas a Ernesto de Souza e atribuídas ao Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (DCA) podem ser consultadas em: INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN (ICCA). **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**: Ernesto de Souza. [S. l.]: ICCA, [s. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/ernesto-de-souza>. Acesso em: 8 ago. 2020.